

Possibilidades inovadoras no processo jornalístico: do entrevistado/fonte ao narrador/colaborador

Mônica Pegurer Caprino
e Priscila Perazzo

Resumo: O texto discute as possibilidades de relacionamento entre a metodologia das narrativas orais e as histórias de vida na ação cotidiana do fazer jornalístico. A indagação que se faz é sobre as possibilidades de aprimoramento da produção jornalística, que permitam uma reconfiguração desse processo na Era da Informação. A proposta é refletir principalmente sobre o processo de entrevistas no Jornalismo, com a proposição de transformar alguns paradigmas metodológicos: realizar um percurso que re-signifique o papel do entrevistado/fonte, tornando-o colaborador/narrador. Diante dos novos recursos tecnológicos que dominam grande parte da discussão sobre jornalismo hoje, não se pode deixar de pensar que é necessário rever o próprio fazer jornalístico, principalmente no jornalismo impresso, que se vê em crise face à configuração do mundo midiático do século XXI.

Palavras-chave: Jornalismo; História Oral; Entrevista.

Abstract: *Innovative possibilities in the journalistic process: from the interviewee/source to the narrator/collaborator.* This paper discusses the possible relationship between the methodology of oral narratives and life histories in the daily routine of journalism. The main question concerns the possibilities for improving news production to enable a reconfiguration of this process in the Information Age. The proposal is to reflect mainly on the process of interviews in journalism, aiming to transform several methodological paradigms: to follow a path that can resignify the role of the interviewee/source, transforming him into a collaborator/narrator. In face of the new technological resources that dominate a large part of the discussion on journalism today, it is impossible to refrain from believing that journalistic practice needs rethinking, especially print journalism, which is in crisis due to the situation of the worldwide media in the 21st century.

Keywords: Journalism; Oral History; Interview.

A passagem veloz e fluida do tempo tem sido um elemento de grande significação na sociedade contemporânea. Tudo está acelerado e “comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a sequência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça” (CASTELLS, 2005, p. 526).

O fluxo veloz da vida do século XXI também comprime aqueles que buscam e trabalham com a informação nas redações de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, impulsionados pela velocidade com que os fatos pululam nas janelas do mundo digital. Cada vez mais, fatos se apresentam nos espaços destinados às notícias, que também se comprimem em formatos pouco propícios ao aprofundamento do que quer que seja. A tecnologia assume um papel ambíguo: ora se coloca como aliada, ora como repressora.

Na Comunicação, e mais propriamente no campo do Jornalismo, passamos a discutir uma diversidade de questões que circundam temas não só sobre as novas tecnologias, mas também sobre as novas metodologias do fazer e do estudar esse campo disciplinar. No século XXI, deparamo-nos com tal pluralidade de meios, formas, ferramentas e processos comunicacionais, que tem provocado não só a aceleração da circulação de notícias, mas também transformações nos processos de confecção das informações disponíveis nos meios de comunicação.

O mundo das notícias, que ao longo do século XX era domínio quase que exclusivo dos jornalistas, vem se transformando e aqueles que eram preponderantemente receptores da informação começam a participar de seu processo de produção (GILLMOR, 2005, p. 14). Novos autores se configuram, principalmente no espaço digital, em que receptores se transformam em editores de *sites*, blogueiros, ou mesmo se investem do papel de repórter: testemunham fatos, tiram fotos e, além da opção de terem seus próprios meios de divulgação, podem enviar suas “reportagens”, inclusive, para meios de comunicação tradicionalmente impressos, que abrem espaço aos leitores-repórteres, observadores atentos da realidade que os circunda.

Mar Fontcuberta (FONTCUBERTA, 2006, p. 32), que analisa o jornalismo no século XXI, considera vários fenômenos que transformam a face do jornalismo atual: o crescimento do número de *blogs*, a produção de informação por parte dos receptores, a grande oferta noticiosa, levada a cabo por meio dos poderosos *sites* de buscas. No jornalismo impresso, observa-se o mercado crescente de publicações gratuitas e a tabloidização do tradicional formato *standard*.

Dentre outros aspectos, Fontcuberta (2006) destaca as contradições que se evidenciam: ao mesmo tempo em que vivemos na sociedade do espetáculo, em que tudo se mostra, vivemos em uma sociedade invisível, em que se perde a individualidade, a identidade e principalmente o contexto. No jornalismo feito por jornalistas em empresas midiáticas na Era da Informação - tomada aqui a expressão tal qual Manuel Castells (2005) a cunhou -, os conteúdos são desarticulados, as páginas de jornal se convertem em espaço em que se arrumam as notícias sem nenhum tipo de contextualização (FONTCUBERTA, 2006, p. 41).

Na sociedade em que os anônimos parecem ganhar voz por meio dos novos recursos digitais, as formas do fazer jornalístico dos modelos hegemônicos, calcadas no mito da objetividade, da neutralidade e da notícia como retrato da realidade, parecem sufocar cada vez mais o entrevistado/fonte. Se no ciberespaço, como destaca Elias Machado (2002, p.10), a participação dos usuários altera, inclusive, a relação entre jornalistas e fontes; nas mídias convencionais ainda predomina o uso das fontes oficiais, das entrevistas transformadas em declarações textuais para cumprir a norma imposta pelos manuais de redação, que determina até tamanho e medida.¹

Diante desse panorama, quais podem ser as possibilidades de aprimoramento da produção jornalística, que permitam uma reconfiguração desse processo no cenário da Era da Informação? Podemos também refletir sobre as mudanças que podem ser incorporadas pelo processo de produção de informação no jornal impresso, que se vê em crise face à configuração do mundo midiático do século XXI?

As mídias digitais parecem impor um ritmo ainda mais acelerado ao processo de construção da notícia que já havia no jornalismo diário. Empresas midiáticas, editores, jornalistas e repórteres buscam, atônitos, dar conta das demandas informativas da atual sociedade e fica evidente que o pensamento de substituição de mídias ou concorrência entre elas já não é o cenário que molda o panorama dos meios de comunicação. A busca é por novos parâmetros de qualidade e formas de aperfeiçoamento das rotinas produtivas e dos conteúdos das notícias, principalmente no jornalismo impresso. A encruzilhada a que chegou, em que se agrega um número muito pequeno de novos e jovens leitores, exige uma reflexão sobre a direção a que a inovação tecnológica nos conduz, pois os processos de produção de notícias precisam ser ajustados a essas novas demandas.

Essa encruzilhada não se resume apenas a dilemas relativos às tecnologias, mas principalmente a novas formas de conceber o processo de construção da notícia e também de produzi-la, para que se consolide a diversidade e pluralidade dos discursos jornalísticos. Assim, a possibilidade de conjugações metodológicas pode contribuir com novas formas de produção jornalísticas.

Acreditamos que se pode discutir, a partir da reconfiguração do papel do entrevistado/fonte no processo da produção jornalística, a inclusão de novos olhares sobre os critérios de noticiabilidade. O que “merece ter registro na história” tem sido determinado desde o início dos estudos sobre Jornalismo, no século XVII com Tobias Peucer (2004, p. 20): são as coisas singulares que merecem ser recordadas e conhecidas. Prodígios, monstruosidades, feitos de poderosos, “óbitos de varões ilustres”, “inaugurações e cerimônias públicas” tem sido apontados, desde então, como objeto dos relatos jornalísticos.

¹ Segundo o Manual de Redação de O Estado de S. Paulo, deve-se usar declarações textuais “a cada um ou dois parágrafos da matéria. Uma frase por parágrafo já seria uma boa medida e ela funcionaria quase sempre como uma testemunha que confirmasse a história ou o fato que o repórter quer levar ao leitor” (MARTINS FILHO, 1990, p. 25).

Na Era da Informação, contudo, não vivemos somente os tempos da globalização e da mundialização da cultura e da produção midiática. As identidades individuais também se ressaltam: os indivíduos, os anônimos, o cotidiano, a simplicidade do homem/mulher comum surgem também como elementos fundamentais na sociedade do século XXI. Dessa forma, novos elementos metodológicos - com base na conjugação interdisciplinar das metodologias de narrativas orais de histórias de vida, conhecidas nas ciências Humanas e Sociais como História Oral - podem dar subsídios à produção jornalística contemporânea, que precisa conviver e dar conta da complexidade da configuração social que vivemos, em que todos querem ter voz.

Assim, este texto pretende discutir os possíveis relacionamentos da metodologia das narrativas orais e histórias de vida – história oral – com a produção jornalística, na tentativa de apontar possibilidades calcadas principalmente em inovações nas formas de produção da informação e no relacionamento entrevistador/fonte. Trata-se de uma prática ainda pouco utilizada entre os profissionais da notícia, mas já bastante discutida nos meios acadêmicos, entre aqueles que se preocupam com os novos rumos do Jornalismo no Brasil e no Mundo. Assim, no campo interdisciplinar, podem ser visualizadas novas formas de produção jornalística, pois como destaca Joëlle Rouchou, “em Comunicação há pouca bibliografia sobre técnicas e uso das entrevistas, enquanto em História há um debate aberto sobre a função e a legitimidade da História Oral” (2000, p. 176).

Aliás, refletir sobre a presença das narrativas orais, memórias e histórias de vida no processo de criação e de redação da notícia nos leva a discutir questões até mais amplas sobre a diversidade das formas das narrativas jornalísticas que, por sua vez, exigem diferentes características de linguagem e gêneros. Obriga, ainda, os jornalistas a repensarem as relações entre forma e conteúdo e reverem seus conceitos de representação e de realidade social. Certamente vistos como construtores da realidade social, muito mais que informantes de uma verdade do acontecimento, os jornalistas devem rever também suas rotinas produtivas, no sentido de assumirem novas metodologias de investigação e reportagem, para a produção da notícia, exigindo, assim, conhecimentos interdisciplinares e cruzamento de saberes, pois, segundo Traquina:

Uma importante afirmação teórica (...) é precisamente que os profissionais do campo jornalístico definem em última análise para nós as notícias e contribuem ativamente na construção da realidade social. (2004, p. 29)

Jornalismo e história oral: as aproximações possíveis

Podemos traçar paralelos entre um processo jornalístico e um trabalho com história oral. Ambos começam com a escolha do tema ou pauta que sugere uma questão a ser

respondida com relevância social – e entende-se, aqui, relevância social como assunto que permite reconhecer a identidade da comunidade a quem o produto se destina. A pesquisa preliminar indica a escolha de um grupo de colaboradores (entrevistados ou fontes) que podem ser escolhidos por temática, por tradições orais, por suas histórias de vida. E, por histórias de vida, não nos limitamos a pensar somente em biografias, mas sim na possibilidade de encontrar na história do indivíduo traços que o identificam como parte de uma comunidade.

De acordo com Traquina, os jornalistas veem os acontecimentos como “estórias” e narrativas passadas, sendo eles, então, os “modernos contadores de estórias da sociedade contemporânea” (2004, p. 21). Nesse sentido, as atividades do jornalista e do historiador muito se aproximam, visto que as novas tendências da “história do tempo presente”, na qual as metodologias de história oral se inserem, também transformam historiadores em “contadores de estórias da sociedade contemporânea”.

Nessa direção, conjugações metodológicas podem oferecer novas oportunidades no processo de produção jornalística, mesmo que, ainda em suas práticas tradicionais, esse trabalho esteja condicionado “pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levada à cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa” (TRAQUINA, 2004, p. 25).

Seguindo no processo de construção do produto, haverá o planejamento da condução das entrevistas e a possibilidade de criação de um roteiro. Feito isso, o entrevistador ou jornalista partirá para a gravação das entrevistas levando em consideração que o local deverá ser adequado, propiciando tranquilidade para ambos, colaborador e jornalista, deixando claro para o entrevistado que uma história aparentemente comum pode despertar interesse e empatia:

Uma característica interessante das narrativas de memória individual é que ela acaba por ser identificada com o relevo das pessoas na sociedade. Quase sempre, é comum encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar. Isso se deve a uma característica da nossa sociedade sempre aberta a celebrar pessoas e diminuir o papel das pessoas comuns. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 57)

Além disso, é preciso explicar ao colaborador a importância do registro dessa entrevista. Eis que os atuais recursos tecnológicos permitem a divulgação de resultados em diversas mídias, transformando também a entrevista em pretexto para registro da oralidade, da individualidade, da memória e da história, bem como para produções midiáticas diversas que utilizem imagem em movimento e áudio, além de fotografias e impressos.

Uma vez recolhidas todas as entrevistas, cabe ao entrevistador a transcrição e análise do material para que se transforme em publicação de resultados em forma de reportagem ou, no caso de um projeto efetivamente de história oral, na construção de um acervo e de produtos que garantam o processo democrático da metodologia, em que se percebe

o entrevistado como um colaborador que merece a devolutiva de sua contribuição na construção de um patrimônio intangível.

No caso do jornalismo atual, parece que as entrevistas face a face tem saído de pauta. Cada vez mais se recorre ao uso do telefone e do *e-mail*. O enxugamento das redações obriga repórteres a produzir mais de uma matéria por dia. Normalmente, eles não buscam histórias, mas declarações que se encaixem em um texto previamente pensado e planejado.

A partir da classificação feita por Edgar Morin e analisada por Cremilda Medina (1995, p. 14), podemos dizer que hoje, para o jornalismo convencional, a entrevista tornou-se, sobretudo, um rito: o objetivo é somente obter uma palavra para confirmar idéias e pressupostos já levantados na pauta, na redação, entre os próprios jornalistas. Com isso, vem se perdendo a idéia do contador de histórias e também a possibilidade de o jornalismo explicar o encadeamento de eventos, numa relação articulada com outros eventos (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 29).

Mas, à primeira vista, as possíveis semelhanças entre a metodologia de histórias de vida e o fazer jornalístico tornam-se diferenças. Pois que jornalista de veículo diário tem, hoje, tempo para entrevistar fontes pessoalmente, “privar de sua intimidade, frequentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar talvez um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas”, atos presentes, por vezes, em projetos de história oral? (ROUCHOU, 2000, p. 179)

É claro que a entrevista acaba por ser um importante ponto de contato entre jornalismo e história oral. Sem dúvida, a entrevista está no âmago da produção jornalística e qualquer apuração se realiza a partir dela. Cremilda Medina (1995) ressaltou justamente essa face da entrevista como um diálogo e que, por isso, requer o encontro de vivências cotidianas entre entrevistador e entrevistado.

Entre as duas tendências que agrupam, no entender de Medina (1995), os vários tipos de entrevista: a de espetacularização e a de compreensão, podemos dizer que existe, na mídia de massa do século XXI, a prevalência de se focar o espetáculo. Mesmo quando o jornalismo diário encampa as histórias humanas, o uso da entrevistas é um exemplo das reduções que se fazem com a história das pessoas. Normalmente, só se tornam notícia ao participarem de um acontecimento incomum, algo extraordinário: uma tragédia, um grande feito, algo inusitado.

Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 89) resalta as críticas que se fazem ao processo da entrevista jornalística, que se afasta cada vez mais no processo do fazer jornalístico cotidiano de um processo de compreensão, que pressupõe

no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. Ou seja, uma interação humana entre o receptor e o personagem dos acontecimentos e das situações, intermediada pelo jornalista, que naquela circunstância do diálogo, é um representante do público, um embaixador da audiência. (LIMA, 2004, p. 90)

Podemos dizer que a entrevista-diálogo, apresentada na classificação de Morin como uma possibilidade em que entrevistador e entrevistado possam colaborar “no sentido de trazer à tona uma verdade” (1973, p.129), quase não está presente na face atual do jornalismo dos grandes meios de comunicação, em que pouco se ouve e mais se procura confirmação de hipóteses já levantadas pela pauta.

A entrevista de compreensão, em profundidade, exige um olhar treinado, apto a perceber o entorno, a trabalhar no campo da sensibilidade e da troca com o entrevistado. É por meio dela que o jornalismo poderia adentrar os caminhos da subjetividade – ainda recusados pelo mito da objetividade, da neutralidade e da imparcialidade do profissional de imprensa que procura suas confirmações em declarações de notórios ou na opinião de pessoas comuns, o chamado “fala povo” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 93). Esse diálogo deveria valorizar o silêncio e o espaço, possibilitando uma troca que caminhasse para perguntas mais complexas. Assim como na história oral, não deve existir uma estrutura fechada que se resume a levar questões anotadas no papel e dispará-las como balas de metralhadora sobre o entrevistado. É preciso que se recorra, sim, a recursos técnicos, mas se pressupõe a disponibilidade do jornalista para que possa compartilhar histórias.

Para realizar qualquer reportagem, e não só as mais complexas e aprofundadas, o momento de pesquisa e elaboração da pauta continua essencial. E é a partir daí que podemos pensar na história oral como, no mínimo, uma ferramenta para auxiliar o jornalista. Embora, em décadas passadas, ela tenha sido uma metodologia muito utilizada por historiadores em suas pesquisas, atualmente alguns jornalistas e pesquisadores da Comunicação vislumbram nesse método um caminho que possa conduzir ao olhar sensível e à aproximação com o entrevistado que, a partir desse momento, então, poderia ser chamado de colaborador.

Histórias de vida e memória oral: novos processos de construção de narrativas jornalísticas

Trabalhar com a memória é mais do que simplesmente se remeter aos fatos passados. Pela memória, temos a propriedade de conservar certas informações que, por nos remeter a um conjunto de funções psíquicas, permite-nos atualizar impressões e informações passadas ou que representamos como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Para Le Goff, o ato de rememoração requer um comportamento narrativo, pois se trata da “comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (2003, p. 421). E as narrativas são um meio pelo qual o narrador percebe e constrói a realidade, pois “organizamos nossa experiência e nossa memória principalmente através da narrativa” (BRUNER, 1991, p.14).

Assim, trabalhar com história oral pressupõe o encontro com uma narrativa seletiva daquilo que o narrador (colaborador) guarda em sua memória e constitui-se de elementos

fundamentais para a formação da identidade individual e coletiva. Vale ressaltar que “a memória oral, longe da unilateralidade para qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra sua maior riqueza” (BOSI, 2003, p. 15).

A ideia é que, gradativamente, o entrevistador aproxime o colaborador de sua história, acessando sua *caixinha* de memórias. Existirão silêncios, existirão estereótipos, mas haverá a beleza de uma história *re-significada* já que o colaborador falará do passado, mas com a avaliação de sua identidade constituída no presente.

Nesse processo de entrevista, narrar é fundamental e inicia-se o processo de narração do colaborador, como “um relato de determinada sequência de acontecimentos, reais ou inventados” (CABRAL; MINCHILLO, 1997, p. 1). Nessas narrativas, supõem-se um narrador e um ouvinte. Por isso, devem ser construídas dialogicamente (BAKHTIN, 1979) em um discurso – aqui entendido como a linguagem posta em ação pelo falante na interação com o outro. Ambos, narrativa e discurso, possuem vários sentidos.

As narrativas orais de memória, em que o colaborador se torna o narrador de suas lembranças, não se referem à ordem da ficção, pois se tratam de histórias de vida. Como tal, são constitutivas do pensamento: memória e subjetividade na formação de uma identidade pessoal e coletiva. Ainda que a definição do termo “narrativa” seja ponto de discussão entre estudiosos do assunto, inegavelmente ela integra a competência linguística e simbólica dos seres humanos. É pela linguagem que representam algo que já ocorreu no tempo e está ausente no espaço, transcendendo, portanto, a ambos. Tem-se um ato de fala e a referência aos acontecimentos, selecionados pelos sortilégios da memória.

Ao narrar, o colaborador pode compreender uma experiência, quando o tempo e o espaço de sua narrativa se encontram com o da sua audiência. Sua experiência abrange fatos, sentimentos e expectativas. Como experiência vivida (pensamento, desejo, etc.) é individual e nunca será plenamente compartilhada. No fluxo da memória, iluminam-se ou não algumas causas: esquecimentos, silêncios e silenciamentos fazem parte do ato de recordar. É a recuperação do vivido segundo quem o viveu, pois “lembrar nunca é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (CRUZEIRO, 1996, p. 3).

Assim, numa relação entre história oral, narrativas de memória e construção da notícia é preciso romper com o mito da objetividade, que levou jornalistas no passado à crença de que a notícia era uma transcrição ou espelho da realidade.

A narrativa das lembranças das pessoas permite uma abordagem do sujeito em sua dimensão histórica que, por meio da sua própria experiência de vida, gera interpretações dos acontecimentos por ele vivenciados no tempo e no espaço. As lembranças pessoais constituem-se em imaginários sociais, considerados como a faculdade do indivíduo em apresentar uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção, mas que são transfiguradas e deslocadas, muitas vezes

de forma simbólica, para criarem novas relações inexistentes no real (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 24-25).

As histórias de vida são unidades orais de interação social que organizam o discurso e a vida social, descrevem a cultura em que vivemos e indicam modos de ação legitimados ou não por essa mesma cultura. Ao contarmos histórias, adquirimos conhecimento acerca de quem somos, isto é, construímos a nossa identidade social:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

De acordo com Halbwachs (1990), concebemos memória no seu sentido tanto individual quanto coletivo, relacionado às lembranças dos indivíduos. Essas lembranças ou informações traduzem-se em representações ou símbolos, pois se trata de valores e significados, costumes, tradições, expressos pelos relatos orais.

No entanto, a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, dessa forma sendo modelada pelos próprios grupos sociais. Quando se manifesta de forma discursiva e narrativa, a memória põe em evidência um sistema de símbolos e convenções produzido e utilizado socialmente (FREITAS, 2002). Ainda devemos pensar que a memória não é o passado, mas a rememoração desse passado, feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes no momento.

Eis, então, o interesse do jornalismo ao propor-se trabalhar com relatos orais de memória e histórias de vida, pois o conjunto desses relatos, transformando a memória individual em memória coletiva, permite que a experiência particular transpareça como coletiva e universal.

No formato tradicional de entrevistas, de transcrição da realidade, em que jornalistas consultam os entrevistados como fontes para a matéria, as informações obtidas são precisas, pontuais e devem se encaixar plenamente às demandas do resultado final. Do contrário, em muitas ocasiões, procura-se outra fonte, outra declaração que possa atender a essa demanda.

Numa entrevista de história oral, em que as lembranças podem fluir sem questionário dirigido, muitas vezes o colaborador-narrador conta muito mais coisas, nem sempre utilizadas totalmente no produto desejado. No entanto, como propõe Alberti (2005), o material gravado é importante porque mostra a relação das memórias do narrador com seu tempo, com o anterior e com o futuro, interligando o real e o simbólico, história e memória, tradição e invenção.

Peter Burke (1992) observou a necessidade de considerar os relatos orais de forma inovadora, salientando a importância das narrativas que partiam de mais de um ponto de

vista. Isso permite ao jornalista aceitar os relatos orais com toda sua carga de subjetividade, visto que os discursos não são neutros. O narrador, de qualquer lugar social que narre, sempre fará uma edição dos fatos conforme suas crenças ou ideologias.

Permite-se, então, afirmar que as narrativas orais não são nem menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais, considerando que os colaboradores contam seus “enredos” a partir do presente, numa recriação das circunstâncias que envolvem seu imaginário, selecionando fatos e acontecimentos, por lembranças e esquecimentos, intencionalmente ou não, pois “cada pessoa é única: suas percepções são, em certa medida, criações, e suas lembranças fazem parte de uma imaginação sempre em movimento” (SACKS, 1994, p. 15). Assim, tanto nas narrativas orais de lembranças, quanto no processo jornalístico de construção da realidade (por meio da notícia), a experiência narrada não é ficção e também não deixa de sê-la.

No jornalismo, o desafio é aprofundar ainda mais o debate sobre a subjetividade e formas de produção que se descolem da mera caça de declarações. Devemos destacar que a chamada entrevista em profundidade não está totalmente ausente do jornalismo. Nas iniciativas discípulas do *New Journalism* americano da década de 1960, batizadas de jornalismo literário, buscou-se, muitas vezes, dar voz a essas falas, a esses narradores do mundo cotidiano. Todavia, mesmo essa forma de produção ainda não ganhou corpo nem credibilidade no âmbito do jornalismo convencional.

Na produção de narrativas jornalísticas que se situam fora do mundo da periodicidade, com o livro-reportagem, também temos extensão dos procedimentos jornalísticos, como aponta Edvaldo Pereira Lima (2004). Mas, no jornalismo diário, da produção cotidiana, pouco se observa de novas possibilidades tanto de apuração quanto de narrativa jornalística, mesmo nas matérias que não estão ligadas ao *hardnews*.

No debate sobre os caminhos da produção jornalística na contemporaneidade, valeria colocar em pauta as rotinas ligadas à realização de entrevistas, para que se procurassem novas práticas para a revalorização da entrevista ao vivo, com possibilidade de olho no olho, a fim de reconhecer mais do que a fala, mas também a memória corporal e as reações do entrevistado que, dessa forma, tornar-se-ia, de fato, um colaborador do processo de produção da mensagem, indo ao encontro de novas perspectivas da Era da Informação, em que emerge o poder da identidade e das comunidades (CASTELLS, 2005).

Considerações finais

A proposta de refletir sobre o processo de entrevistas de memórias e histórias de vida no ambiente do Jornalismo, transformando alguns paradigmas metodológicos, como o entrevistado/fonte em colaborador/narrador, acompanha as discussões em Ciências Sociais e Humanas a respeito da soberania do personagem singular, da importância das minorias

e o destaque para os direitos e liberdades individuais, voltando-se para a subjetividade. Isso significa algo muito importante na configuração da visão de mundo dos homens e mulheres do século XXI, algo que vai determinar de alguma forma a concepção de cidadão no mundo em que atualmente vivemos. Ou seja, a subjetividade dos seres humanos pode ser levada em consideração nas mais variadas dimensões da vida privada ou pública. E, mais uma vez, o trabalho jornalístico, da reportagem, contribui para o processo de formação social e cidadã.

A fragmentação textual faz com que jornalistas tenham cada vez menos tempo para a apuração dos fatos e a produção de matérias. As novas tecnologias, atualmente, propõem uma nova dinâmica aos meios de comunicação. No caso do jornalismo convencional, não se pode eximir os jornais diários de entenderem a sua função de construtores da realidade e muito já se discute em relação aos novos papéis que devem assumir, visto que é o mundo digital que dá conta, hoje, da instantaneidade dos fatos e dos furos de informação. Às revistas, com a segmentação, já há muito cabe procurar reportagens profundas e de maior contextualização dos eventos e das diferentes versões da construção social.

Para que se encontre o tempo de *re-significar* é preciso *reaprender* a ver e ouvir. Fomos acostumados ao retrato da história oficial ou à notícia como espelho da verdade social e, por isso, ainda temos certa dificuldade em desmontar o mito da objetividade. O cidadão comum permanece, sempre, excluído dos fatos, cujo registro só se dá no âmbito do sensacionalismo, quando a história de vida vira fato para justificar um drama maior. O bombeiro que trabalha anônimo durante 365 dias vira matéria de jornal ao salvar um velhinho em uma grande enchente. O casal que dava duro em seu trabalho vira matéria-prima da notícia quando viaja em lua de mel e morre tragicamente em um acidente aéreo como o do avião da *Air France* que caiu no oceano Atlântico em meados de 2009.

Quando se fala sobre novos caminhos que precisam ser encontrados no jornalismo, as possibilidades tecnológicas dominam grande parte da discussão. Contudo, não se pode deixar de pensar que é necessário repensar os fazeres jornalísticos a partir de novos modelos históricos e sociológicos, para redesenhar as mídias já existentes.

Em face das múltiplas possibilidades que se abrem ao jornalismo para o século XXI e da necessidade principalmente do jornalismo impresso se repensar e encontrar novas configurações, percebe-se que é possível pensar a relação entre história oral, entrevistas jornalísticas, relacionamento com as fontes e construção social da notícia.

É possível dizer que produções jornalísticas de diversas naturezas e diferentes níveis de aprofundamento podem conviver nos mesmos produtos midiáticos. Mas é difícil defender que a mesma lógica produtiva - a do tratamento da fonte somente como mero produtor de aspas para ilustrar uma matéria jornalística - deva ser aplicada a todo tipo de produção presente no jornalismo. Podemos vislumbrar novas possibilidades de produção jornalística e sugerir que a história oral possa ser inspiração para conduzir a outras formas de entrevista e a uma outra realidade social.

Há a possibilidade de se repensar modelos da atuação do jornalista como construtor da notícia e, a partir de mudanças no seu olhar, estabelecer novos paradigmas da relação entre entrevistador e fontes. A memória oral e a história de vida podem conviver com o processo jornalístico num espaço de reflexão entre comunidades e cidadãos, promovendo a valorização da história escondida, do personagem invisível, da sociedade ficcional e real. O jornalista que se propuser a desacelerar as rotinas diárias de produção e permitir-se ouvir e estar com o outro, poderá encontrar novos sentidos para a sua realidade, para a subjetividade do indivíduo e para o pertencimento à comunidade.

Referências

- ALBERTI, Verena (2005). *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV.
- BAKHTIN, M (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BORRAT, Héctor; FONTCUBERTA, Mar (2006). *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. 1.ed. Buenos Aires: La Crujía.
- BOSI, Ecléa (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- BRUNER, Jerome (1991). The Narrative Construction of Reality. In: *Critical Inquiry*, v.18, no. 1, 1-21, The University of Chicago.
- BURKE, Peter. (org.) (1992). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- CABRAL, Isabel Cristina; MINCHILLO, Carlos Alberto C. (1997). *A narração*, São Paulo.
- CASTELLS, Manuel (2005). *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CRUZEIRO, Maria Manuel (1996). *História Oral: os riscos conscientes – ou vale a pena arriscar*. Centro de Documentação 25 de Abril. Portugal: Universidade de Coimbra, 1996.
- Disponível em: <<http://www.uc.pt/cd25a>>. Acesso em: 5 mai. 2007.
- FONTCUBERTA, Mar (2006). El periódico como sistema (Primera Parte). In: BORRAT, Héctor; FONTCUBERTA, Mar. *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. 1.ed. Buenos Aires: La Crujía. p. 15-154.
- FREITAS, Sônia Maria de (2002). *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- GILLMOR, Dan (2005). *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença.
- HALBWACHS, Maurice (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed dos Tribunais.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana (1997). *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- LE GOFF, Jacques (2003). *História e memória*. 5. ed. Trad. De Bernardo Leitão. Campinas: Ed Unicamp.
- LIMA, Edvaldo Pereira (2004). *Páginas Ampliadas*. O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. São Paulo: Manole.
- MACHADO, Elias (2002). *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. Beira do Interior. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.html>>. Acesso em: 14 nov. 2007.

- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes (1990). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: Estado de S. Paulo.
- MEDINA, Cremilda (1995). *Entrevista: o diálogo possível*. 3.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola (2007). *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- MORIN, Edgar . A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão (1973).. In: MOLES, Abraham et alli. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, p. 115-135
- PEUCER, Tobias (2004). Os relatos jornalísticos. Trad. Paulo da Rocha. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis, Vol. 1, n. 2, p. 13-29. 2 sem.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (2006). *A apuração da notícia - Métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis: Vozes.
- POLLAK, Michael (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n. 10, p.200-212.
- ROUCHOU, Joëlle (2000). História Oral: entrevista–reportagem x entrevista-história. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, vol. XXIII, n. 1, jan/jun, p. 175-185.
- SACKS, Oliver (1994). Prefácio. In: ROSENFELD, Israel. *A invenção da memória*. Paris: Flammarion.
- TRAQUINA, Nelson (2004). *Teorias do Jornalismo*. Vol. 1. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular.

MÔNICA PEGURER CAPRINO é doutora em Comunicação Social, jornalista, professora do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, onde também leciona no curso de graduação em Jornalismo, na área de redação jornalística e jornalismo impresso. Estuda, atualmente, as transformações da mídia na sociedade contemporânea.

mcaprino@uol.com.br

PRISCILA PERAZZO é doutora em História Social, docente nos cursos de Comunicação Social da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), na graduação em Jornalismo e no Programa de Mestrado em Comunicação. É coordenadora do Memórias do ABC – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas (USCS) e pesquisadora do PROIN - Laboratório de Estudos da Memória Política Brasileira (FFLCH-USP)

prisperazzo@ig.com.br

*Artigo recebido em julho
e aprovado em novembro de 2009*